

ALESSANDRO LIMA

O DOM DE LÍNGUAS

Uma exposição da doutrina católica

BRASÍLIA
2024

4a. Edição



Copyright © 2024 | Edições Veritatis Splendor
O Dom de Línguas - Uma exposição da doutrina católica (4a. edição) -
Alessandro Lima

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem a permissão da Editora.

Direção Editorial/Diagramação/Capa

Edições Veritatis Splendor

Imagem da capa

Jean II Restout (i) - Óleo Sobre Tela (i) - 465 x 778 cm - 1732 -
(*Musée du Louvre (Paris, France)*) (i)Pentecostes é uma pintura maciça, remanescente da arte do teto barroco; foi pendurado na sala de jantar da Abadia de Saint-Denis fora de Paris.

Alessandro Lima, 1975 -

O Dom de Línguas. Uma exposição da doutrina católica/
Alessandro Lima.- 4. ed. - Brasília, DF: Edições Veritatis Splendor,
2024.

178p. 21 cm.

ISBN: 978-65-85249-10-2

1. Cristianismo. 2. Teologia. 3. Igreja Católica - Doutrinas.
I. Título.

CDD 230.2



Distribuição:

CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico.
Telefone: (19) 3249-0580

®Edições Veritatis Splendor

Telefone (61) 98161-1648

Email - editora@veritatis.com.br

Visite nossa loja: www.lojaveritatisplendor.com

“E virei para reunir os homens de todas as nações e de todas as línguas; todos virão e verão minha glória”.

(Is 66,18)

Sumário

Prefácio à 2ª edição	7
Prólogo do Autor à 4ª edição	11
Introdução	13
I - O Espírito Santo como Dom de Deus	19
II - Segundo as Sagradas Escrituras	27
III - Segundo os Santos Padres da Igreja	35
IV - Segundo Santo Tomás de Aquino	89
V - Segundo a História da Igreja	99
VI - Segundo o Magistério da Igreja	133
VII - O Falso Dom de Línguas	139
VIII - Confrontando a doutrina dos Carismáticos	147
Conclusão	163
Bibliografia	169

Prefácio à 2ª edição

Senti-me honrado ao receber o convite do Prof. Alessandro Lima, renomado apologista católico brasileiro, ex-protestante, e colega dos tempos de Veritatis Splendor¹, para prefaciar sua nova edição desta magnífica obra.

Com efeito, a honra é dupla. Não só pela competência e erudição doutrinária do autor, como pela excelência do modo como trata a matéria.

Na última centúria, pululam aqui e acolá movimentos, grupos, comunidades, apostolados, que não tangenciam a vivência da chamada glossolalia, pretendendo que seja continuidade da manifestação de Pentecostes, seguida pelos primeiros cristãos. A tendência penetrou na Igreja Católica, com apoio de Bispos e Papas, o que nos dá garantia de que algo o Espírito Santo quer e há elementos positivos nessa onda carismática, que, aliás, vem se aprofundando cada vez mais teologicamente, bebendo nos escritos da Beata Elena Guerra e do Santo Padre Leão XIII.

O tema é árduo, pouco explorado. E por isso, a virtude da prudência deve sempre guiar quem se propõe a investigar por essa senda.

Ao longo das páginas de “O dom de línguas”, Alessandro vai descrevendo, com minúcias que nos deixam realmente admirados, como os primeiros Pais da Igreja e os grandes autores eclesíásticos, entendiam esse carisma,

1 Apostolado católico na internet. Site www.veritatis.com.br.

confrontando com a prática atual dos grupos carismáticos e pentecostais. Se há algo no livro que se pode dizer pessoal do autor é a competência como demonstra o que a Igreja crê. De resto, a exposição é pura e simplesmente o que ensinaram os gigantes da fé e as autoridades da Igreja Católica, fora da qual não há salvação.

Antes de analisar o dom de línguas em si, cumpre entender quem é o Espírito Santo, o que é a graça, os diversos significados do mesmo vocábulo, e entender o que são os carismas, diferenciando-os dos dons mais corriqueiros, ainda que provenientes do mesmo e soberano Deus. O autor não se furta a tal tarefa e avança, com coragem, firmeza e caridade, na análise mais coerente possível do entendimento atual de muitos líderes do movimento pentecostal, dentro e fora dos muros da Igreja, comparando com a doutrina segura de um Santo Agostinho, de um São João Crisóstomo, de um Santo Tomás de Aquino.

Nem mesmo o confronto entre as diversas traduções bíblicas do Novo Testamento que temos hoje em português – umas vindas da Vulgata, mais fiéis aos originais, outras do Texto Recebido ou do Texto Crítico, que, embora no grego, língua dos originais, são mais tardios – se lhes escapa e, erudito na pesquisa da Sagrada Escritura que é, aborda o tópico com clareza.

Enfim, à moda dos escolásticos, traz as objeções mais corriqueiras e as responde, dando não seu parecer pessoal, mas a palavra da Igreja, mestra da verdade. É a ela que todos os que se pretendem cristãos, estando ou não no grêmio visível da sociedade instituída pelo próprio Senhor Jesus Cristo para o governo das almas, devem se submeter.

A Renovação será mais autenticamente carismática quanto mais e com maior convicção for Católica!

Possa este livro, pequeno, mas cirurgicamente certo,

O Dom de Línguas

auxiliar nesse processo, pelo que o Prof. Alessandro receberá seu mérito em colaborar com o Altíssimo.

Santa Vitória do Palmar, RS, 13 de agosto de 2012
Memória de Santos Ponciano e Hipólito, mártires

Dr. Rafael Vitola Brodbeck
Delegado de Polícia.

Prólogo do Autor à 4ª edição

A presente obra teve sua primeira edição em 2008. Foi disponibilizada como um ebook no site Veritatis Splendor. Em 2012 é disponibilizada pela primeira vez na versão impressa pelo Clube de Autores com pequenas revisões (2ª edição). Em 2019 ganha sua 3ª edição, também pelo Clube de Autores, com pequenas correções. Substancialmente o texto da obra não foi modificado nas três edições mencionadas.

Nesta 4ª edição, o texto foi substancialmente enriquecido pela pesquisa do americano Charles A. Sullivan que desde 2010 mantém um projeto na Internet com toda a sua pesquisa. O trabalho de Sullivan¹ me foi apresentado pelo caríssimo Mateus Alexandre, a quem queremos registrar nossos sinceros agradecimentos.

Desde que comecei a estudar sobre o dom de línguas em 2005, notei que as fontes da doutrina católica (pais da Igreja, documentos e catecismos) apontavam sempre para um mesmo sentido que era

1 Ver em <https://charlesasullivan.com/gift-tongues-project/>

diametralmente contrário àquele defendido pelos pentecostais e carismáticos. A pesquisa de Sullivan também chegou à mesma conclusão:

O grande corpo de material estudado e comparado demonstra um padrão. A doutrina cristã das línguas esteve relacionada às línguas humanas por quase 1800 anos. A mecânica de como isso aconteceu era diferente. Havia percepções de que era um milagre da fala, da audição ou de ambos. Não havia referências à fala angélica, à linguagem de oração, à glossolalia ou anunciados em êxtase até o século XIX².

Outros autores também concordam que o dom de línguas relatado no livro de Atos no capítulo 2 é o falar em línguas estrangeiras³. A associação do dom de línguas de Pentecostes com uma glossolalia não existia antes do séc. XIX. A presente obra não pretende expor uma investigação de quando isso se deu e por quais motivos. Com efeito, o ensino pentecostal e carismático que associa a glossolalia com o dom de línguas de Pentecostes carece de bases bem fundamentadas e a tratativa deste problema pretendemos fazer em uma outra oportunidade.

2 <https://charlesasullivan.com/7231/summary-gift-tongues-project-catholic/#anch2>. Último acesso em 04/08/2024.

3 Veja o artigo do Karlo Broussard, *The Gift of Tongues*. Disponível em <https://www.catholic.com/audio/scw/the-gift-of-tongues>. Ele também refere-se a Scott Hahn e Curtis Mitch.

Introdução

Cinquenta dias após a comemoração da Páscoa do Senhor que é a festa mais importante da Igreja - pois celebra a vitória de Cristo sobre a Morte e pela qual Ele se tornou nosso Salvador- vem a festa de Pentecostes, dia da inauguração da Igreja através do derramamento do Espírito Santo sobre os primeiros fiéis, conforme Cristo mesmo havia prometido (cf. At 1,4-8). O primeiro Pentecostes aconteceu em algum lugar entre 29 e 33 d.C., dependendo de qual tradição se escolhe para datar a crucificação. O evento foi registrado por São Lucas, em um trabalho que é universalmente abordado hoje como o Livro de Atos. A narrativa de Pentecostes é muito breve.

Porém esta eminente festa do calendário litúrgico católico é de origem judaica. Nela os judeus comemoravam o recebimento da Lei de Deus por meio de Moisés, após este ter subido o Monte Sinai. Era também conhecida como Festa das Colheitas cuja instituição se encontra em Ex. 23,14-17; 34,18-23.

Acredita-se que o nome Pentecostes só foi dado após o domínio grego, há cerca de 300 anos A.C. Com efeito, no Antigo Testamento só encontramos referência a esse nome no Segundo Livro dos Macabeus¹ (cf. 2Mc 12,32) quando entre

1 Este livro só se encontra em edições católicas da Bíblia, assim como os livros de Judite, Sabedoria, Eclesiástico, Baruque, 1Macabeus, Tobias e adições gregas de Daniel e Ester.

os judeus já havia forte inculturação do mundo grego. Os judeus gregos chamavam a Festa das Colheitas de Pentecostes, por essa ser realizada cinquenta dias após a Páscoa.

Para os católicos a Festa de Pentecostes é a nova Festa da Colheita, é o novo Monte Sinai. Se para os judeus o recebimento da Lei significava um marco na sua história e religião, o mesmo vale para o Pentecostes em relação aos católicos. Se no Monte Sinai os judeus receberam em tábuas de pedra a Lei que não podia justificá-los, mas apenas acusá-los (cf. Rm 3,20), no cenáculo em Jerusalém os primeiros fiéis receberam em tábuas de carne a Lei da Graça que era capaz de justificá-los. Sobre isso ensinou S. Paulo:

Não há dúvida de que vós sois uma carta de Cristo, redigida por nosso ministério e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, em vossos corações. (2Cor 3,3).

Os escritores da igreja antiga que viveram entre o primeiro e o terceiro séculos mencionaram a doutrina cristã do dom de línguas, como Ireneu, que afirmou que se tratava de uma língua estrangeira. Havia também Tertuliano que reconheceu o rito contínuo em sua igreja. No entanto, eles não conseguiram explicar nada mais do que isso. Seus textos oferecem pouca informação e nada mais do que um reconhecimento de sua existência.

O debate inevitavelmente leva a Orígenes - uma das figuras mais controversas sobre “falar em línguas”. Os teólogos, comentaristas e escritores modernos em todo o amplo espectro dos estudos cristãos acreditam que Orígenes apoia sua perspectiva. Esses vários pontos de vista criaram “um Orígenes” cheio de contradições. Orígenes foi um teólogo do século III visto como um dos maiores escritores cristãos de todos os tempos por causa da combinação de uma fé ativa

O Dom de Línguas

e humilde com uma profunda investigação intelectual sobre questões de fé. Após uma investigação cuidadosa sobre sua cobertura sobre “falar em línguas”, Orígenes mal comentou sobre isso. Se alguém for concluir com a cobertura limitada dele, ele não achou que houvesse alguém piedoso o suficiente durante seu tempo para essa tarefa.

Há dificuldade em encontrar literatura cristã do primeiro ao terceiro século sobre quase qualquer assunto, incluindo falar em línguas. Essa falta se deve aos efeitos devastadores das perseguições do imperador romano Diocleciano no século III. Esse problema muda drasticamente no século IV, quando o cristianismo se torna uma religião reconhecida e, mais tarde, a mais importante dentro do Império Romano.

Segundo Sullivan,

O século IV começou a desdobrar detalhes mais críticos sobre a fala em línguas. Cirilo de Jerusalém escreveu que Pedro e André falavam milagrosamente em persa ou mediano no Pentecostes e os outros apóstolos estavam imbuídos com o conhecimento de todas as línguas. O fundador do movimento cenobita egípcio, Pachômio, um falante copta nativo, foi milagrosamente concedido a capacidade de falar em latim.

Santo Agostinho, Bispo de Hipona ensinou que o “falar em línguas” foi transferido de uma expressão pessoal para uma corporativa. Ele defendeu essa posição durante sua longa e complicada batalha com o movimento donatista dominante.

Os donatistas eram um grupo cristão do norte da África, separado da Igreja Católica oficial por razões relacionadas às perseguições contra os cristãos pelo édito do imperador Diocleciano no século III. Uma controvérsia eclodiu na região depois que as perseguições se abassaram. Houve divisão sobre como lidar com os líderes da igreja que

ajudaram as autoridades seculares nas perseguições. Esse problema se tornou uma fonte de discórdia e se conflagrou em questões de liderança, fé, piedade, disciplina e política da igreja. Um dos resultados foi um movimento eclesiástico separado chamado Donatistas. No auge de sua popularidade, os donatistas superaram estatisticamente os representantes católicos tradicionais na região do Norte da África. No auge, tinha mais de 400 bispos.

A Igreja Católica estava em uma disputa contra as alegações donatistas de ser a verdadeira igreja. Uma das afirmações que os donatistas forneceram para sua reivindicação superior era sua capacidade de falar em línguas. Esta declaração forçou Agostinho a levar a sério a doutrina dos donatistas e de suas línguas e construir uma ofensa dinâmica contra eles.

A polêmica de Agostinho contra os donatistas gerou mais dados sobre a doutrina cristã das línguas do que qualquer outro escritor antigo e fornecesse sólidas bases nas percepções dessa prática no século IV. Ele descreveu Pentecostes como cada homem falando em todos os idiomas.

Essa transformação da identidade individual para corporativa foi mencionada por Tomás de Aquino no século XIII em seu trabalho, *Summa Theologica*, mas construiu pouca força em torno desse tema. Ele deixou como está em uma frase.

Não há dúvida de que a faixa semântica dessa experiência caiu dentro do uso de línguas estrangeiras. Agostinho usou o termo *omnium gentium* “nas línguas de todas as nações” em pelo menos 23 ocasiões, e *linguis omnium*, falando “em todas as línguas”. Agostinho também não cita ou se refere ao movimento montanista em suas obras. Como veremos mais adiante, outros Pais da Igreja vão confirmar esta mesma doutrina.

Especialmente nos últimos quarenta anos a Igreja inteira tem se voltado para este tema, principalmente por causa do crescimento dos movimentos pentecostais tanto fora quanto dentro da Igreja Católica.

Nota-se claramente que tanto fiéis quanto clérigos possuem várias dúvidas quanto à autenticidade das manifestações ocorridas nestes movimentos. Muitos acreditam que os fenômenos lá ocorridos correspondem ao derramamento do Espírito Santo, como acontecera nos primeiros anos da Igreja. Sobre isso o que dizer?

Não será objeto deste trabalho analisar o comportamento ou os ensinamentos dos movimentos ditos carismáticos ou pentecostais. Pretendemos tão somente apresentar e defender o ensinamento perene do Sagrado Magistério Católico. Além de ser um direito de todo fiel católico² é um dever que o nosso batismo e crisma nos impõem. E é neste sentido que oferecemos a presente obra aos nossos leitores.

Cabe lembrar que este trabalho não tem a pretensão de esgotar o assunto que é complexo, mas tão somente colaborar no debate atual *“até que todos tenhamos chegado à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, até atingirmos o estado de homem feito, a estatura da maturidade de Cristo”* (Ef 4,13).

Aproveito para agradecer a todos os meus irmãos e irmãs de apostolado que me ajudaram muito na revisão da presente obra, em especial o Carlos Nabeto³. É dele o estudo sobre o uso da expressão “línguas estranhas” nas mais variadas versões bíblicas que apresento no Capítulo 2.

2 cf. cânon 225,§1o do Código de Direito Canônico e Lumen Gentium 83; 97

3 Fundou com o autor o Apostolado Veritatis Splendor.